



**HISTÓRIAS DE MAYANDEUA**

# **VIENTO URUGUAYO**

**FLÁVIO DE BRITTO**

**HISTÓRIAS DE MAYANDEUA**

# **VIENTO URUGUAYO**

**FLÁVIO DE BRITTO**

**MAYANDEUA**

**2023**

*"Entre as brisas do Rio da Prata e os campos verdejantes, o Uruguai desperta a alma dos viajantes. Terra de tangos e candombes, de gaúchos e mate, onde a cultura se entrelaça com a natureza em um abraço encantador. No coração deste país, ecoam histórias de luta e paixão, tornando-o eternamente único e fascinante."*

*- Anônimo*

# APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras,

É com imenso prazer que temos a honra de apresentar a vocês o "Projeto Primolius. Esta série encantadora de histórias, narradas através de muitos assuntos relatados em conversas entre os habitantes da ilha, nos levará em uma viagem extraordinária pelas tradições, lendas e costumes locais, inspirando-nos a conhecer, respeitar e amar nossa identidade cultural e a exuberante natureza amazônica. Situada na Área de Proteção Ambiental do nordeste do Pará, no município de Maracanã, a ilha de Mayandeua é uma fonte inesgotável de riquezas e encantos, e é justamente isso que o "Projeto Primolius" celebra. Com uma variedade de gêneros literários, como contos, poemas, crônicas, teatro, cordel e música folclórica. Portanto, convidamos a todos para embarcar nessa viagem literária única e inspiradora. Compartilhem essas narrativas encantadoras com amigos e familiares, e juntos, preservemos e valorizemos a identidade Mayandeuense. Aproveitem esta leitura mágica, e que cada página deste livro seja um elo para construirmos um futuro mais consciente e harmonioso com o meio ambiente ao nosso redor.

## PREFÁCIO

*É com grande entusiasmo e emoção que apresentamos "Viento Uruguayo", uma emocionante narrativa que nos transporta para as vastas e remotas terras do Uruguai. Escrito com sensibilidade e maestria, este livro nos convida a mergulhar em uma história repleta de ricas nuances culturais, fortes laços familiares e o fascínio da natureza exuberante. A trama se desenrola em torno de Andréia Azevedo, uma mulher forte e determinada, que cresceu sob os ventos uruguaios, aprendendo desde cedo os valores do trabalho árduo e a importância da dignidade na vida. Porém, um golpe do destino a leva para uma jornada de desafios e descobertas, fazendo-a partir em busca de novas oportunidades em terras distantes. O livro nos conduz pela história de vida de Azevedo, com seus altos e baixos, perdas e conquistas, mostrando como a vida pode nos surpreender com suas reviravoltas e ensinamentos. Ao longo de suas experiências, ela encontra o amor e enfrenta inúmeras provações, refletindo sobre o significado da vida, o valor das relações humanas e a importância de se manter fiel às suas raízes.*

*"Viento Uruguayo" é uma obra que nos leva a refletir sobre a essência da vida, a força do amor e a resiliência do ser humano diante das adversidades. Com uma prosa envolvente e uma narrativa cativante, o autor nos transporta para cenários deslumbrantes e personagens marcantes, envolvendo-nos em uma jornada única de sentimentos e emoções. Em cada página, encontramos trechos poéticos que exaltam a beleza dos campos uruguaios, a melodia dos ventos e a riqueza da cultura local. Através das palavras, somos conduzidos a momentos de contemplação e nostalgia, despertando em nós a vontade de explorar as nuances da alma humana e as belezas da natureza. Este livro é uma ode à vida, ao amor e à perseverança. Uma história repleta de lições e reflexões que nos inspira a valorizar nossas origens, a abraçar as oportunidades que a vida nos oferece e a encontrar a felicidade nos pequenos detalhes.*

*Portanto, convidamos a todos a embarcar nessa jornada inesquecível com "Viento Uruguayo", uma obra que nos aquece o coração, nos faz refletir sobre o sentido da vida e nos ensina que, mesmo diante das tempestades, o vento sempre nos traz a esperança de dias melhores.*

*Boa leitura!*

**FB**

**"VIENTO URUGUAYO"**

**Assim Primolius relatou..**





**Era uma vez...**

**Em algum lugar do mundo para Mayandeuá...**



Silêncio na varanda de flores vermelhas...

No céu, havia a incumbência da natureza de devastar o chão com gotas fortíssimas com a chegada do mês de novembro nesta terra tão remota. A casa estava silenciosa como sempre.

De vez em quando, o vento sabotava barulhos involuntários pertinentes ao temporal que estava prestes a chegar. Dentro da casa, a figura compassiva da Sra. Azevedo com suas vestes estampadas de desenhos abstratos e muito coloridos. Na varanda, seus passos acompanhavam a aragem de acordo com as treliças das oito janelas predestinadas ao tempo indeciso das chuvas. Logo após fechar todas as janelas da casa centenária, a Sra. Azevedo acomodou-se na sacada. Sentada na cadeira de balanço que a acompanhava a cada final de tarde nos oitenta anos advindos de muito trabalho e de muitas sequelas de amores e pedaços de felicidade.



O céu parecia ocultar a força da anciã; entretanto, os olhos de Azevedo voltavam-se aos cata-ventos que saboreavam a força dos movimentos eólicos, tão perfeitos em suas jornadas marcadas nas terras do distante Uruguai. De olhos fechados, Azevedo sorria apressadamente, enquanto o vento acariciava seu rosto, onde supostamente deliciava-se com todo o perfume dos verdejantes arredores de sua propriedade herdada de seus genitores. Azevedo cresceu entre o gado e, desde sua infância, assegurou que a força do trabalho dignificava a razão de existir neste mundo tão repleto de inseguranças e de pessoas pérfidas.

Além disso, aprendeu com seus pais que a vida nada representava sem a garantia de viver bem, através das obras elencadas pela índole e a paz interior adentro de uma ascendência fraternal. Aos quinze anos, suportou a dor de perder seus genitores por um raio que os atingiu no campo aberto da propriedade. Ciente de suas obrigações, passou a direcionar as escalas de trabalho de sua criadagem e peonada.

Deste modo, ainda jovem, seguindo as leis de seus genitores, conseguiu ser venerada por seus trabalhadores por sua excelência em continuar a respeitar os direitos pessoais de seus subordinados. No entanto, com o tempo, as invernadas deflagraram a sorte da propriedade pela falta de comprometimento de alguns peões que afanavam grande parte do gado da estância para vender para outros comerciantes na fronteira com o Brasil. O tempo passou rapidamente, e aos vinte anos, Azevedo perdeu toda a criação de seu domínio. Em seguida, os empregados a abandonaram pela falta de bonificações financeiras. Pela primeira vez, a jovem de olhos castanhos claros ficou desamparada em seu mundo distante para muitos. No âmago de Azevedo, a realidade chegou de maneira mais trágica, pois não sabia o que fazer ao se encontrar desarrimada por sua própria gente. Irritada, passou a venerar a solidão pela traição e a truculência de Deus. No laço de passagens incertas, Azevedo sujeitou-se a gritar com o vento, com palavras esdrúxulas, extravasando todo o seu ódio nos arredores de sua terra, outrora repleta de energias positivas que agasalhariam até mesmo o mais incrédulo homem deste planeta.

No entanto, as ilusões temporárias de sua juventude estavam alucinadas por novos conhecimentos com o resto do mundo. Desprovida de fé e de recursos financeiros, Azevedo passou a cavalgar por entre a região, sempre em cancha reta, onde muitos acreditavam que a jovem estava alucinada em buscar algo que não estava em seu mundo de verdes horizontes. Por certo, muitas vezes, alguns estancieiros viram Azevedo montada em seu tordilho, totalmente a pelo e repleta de cana na cachola. Numa crescente repressão por parte dos moradores da pequena cidade, Azevedo resolve mudar-se para o Brasil, onde, por meio de contatos na região fronteiriça, conheceu algumas pessoas vinculadas ao turismo internacional daquele país. Nesse contato, Azevedo permitiu-se abandonar o Uruguai por razões aparentes de muitas decepções ocorridas no decorrer de sua juventude. Assim, no recôndito de sua personalidade, Azevedo deixou o Uruguai numa manhã fria de novembro, levando apenas alguns vinhos de Zitarrosa.

Ao chegar a uma das principais capitais do Brasil, Azevedo reiniciou sua vida com uma energia renovada. No entanto, essa mudança paulatinamente mudava a rotina da oriental da noite para o dia, com tantas novidades que acontecem em uma cidade grande. Com seu sotaque e beleza de uma mulher uruguaia, Azevedo passou a frequentar muitas boates na região metropolitana, iniciando assim uma vida de caminhos defeituosos e inconstantes. Os anos correram, e Azevedo já não era mais a mulher advinda das terras de Zitarrosa e Viglietti, e aos poucos esquecia todas as maravilhosas culturas de sua terra dos ventos. Portanto, Azevedo, infelizmente, transformara-se em um segmento que para muitos não tinha valor social. O brilho da uruguaia aos poucos se desgastava com a radicalidade de seu trabalho. Por muitas vezes, Azevedo tentara lembrar de sua família e seu país. No entanto, sua disposição misturava-se com a animosidade e a exaltação através de remédios que passou a consumir para enfrentar sua nova labuta.

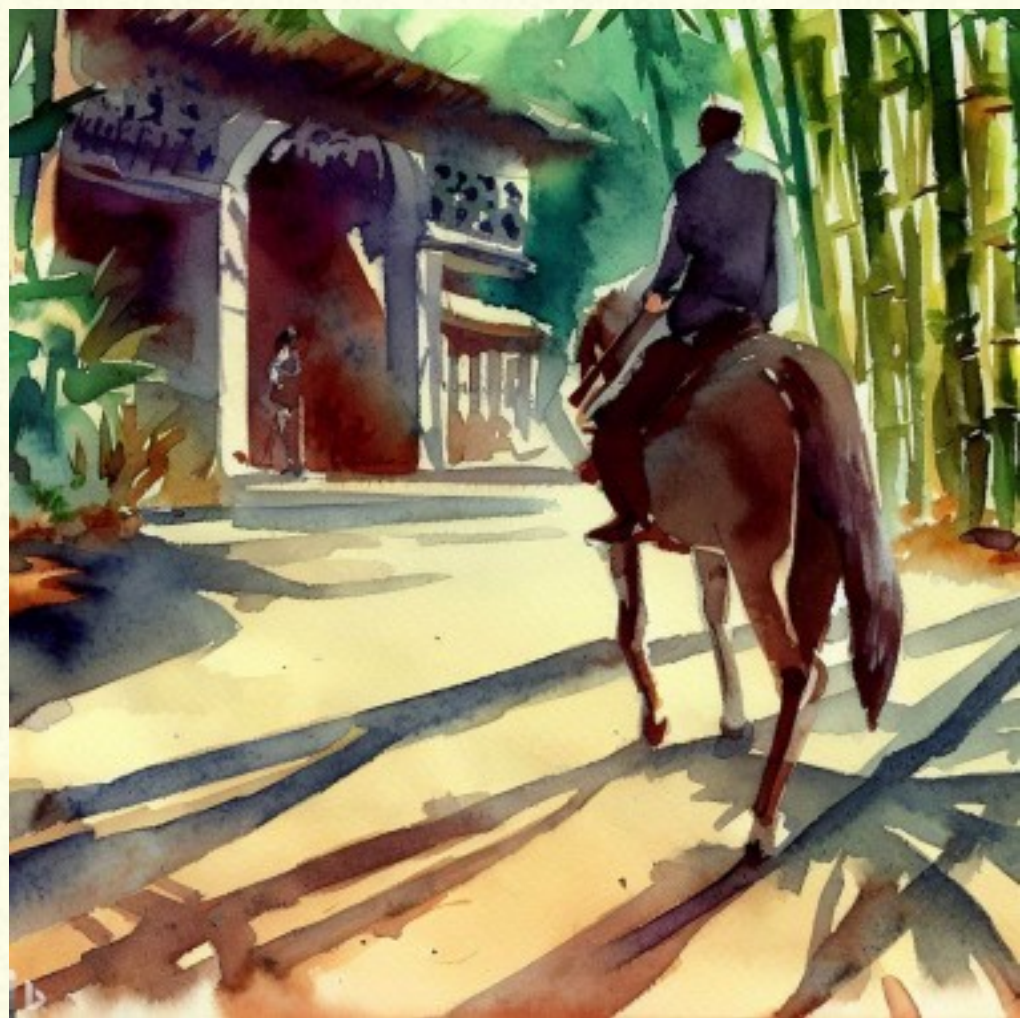


As atividades de Azevedo regiam uma vida de extrema adrenalina, especialmente quando viajava para outras capitais do Brasil e outros países latinos. Deste modo, Azevedo aprendeu e ensinou para muitas de suas companhias que a vida, na realidade, era um fato múltiplo de circunstâncias que, às vezes, não escolhemos, apenas realizamos. Somando-se a isso, após quinze anos, Azevedo decide, numa manhã de ressaca emocional, retornar às suas procedências. De volta à sua terra, Andréia passa a revigorar a sua estância. Apesar de anos abduzida pelas facilidades de uma cidade grande, Azevedo impetrou com dificuldade redirecionar as tarefas de sua propriedade, pois, apesar de ter consentido a responsabilidade das terras para alguns parentes, os mesmos não se incumbiram de prestar nem mesmo a manutenção da principal casa da estância. A despeito de sua vida no Brasil, Azevedo impetrou lucrar certa quantidade em dinheiro. Assim, com suas economias, conseguiu comprar um trator usado e vinte cabeças de gado para reestruturar o tempo perdido na referida propriedade. Com sua chegada, os cidadãos do município passaram a olhar com certo respeito para a mulher que retornara após ter conhecido vários países.

Para muitos, Azevedo teria acumulado muito dinheiro através de seu trabalho como grande empresária no Brasil e na Guiana Francesa. Para outros, a uruguaia teria se transformado em uma mulher de muitas habilidades, principalmente por sua beleza Guarany. Aos poucos, Azevedo prefigurava a sua estrutura de paisana daquele país. Em seu íntimo, o código cultural oriental nunca havia rompido de suas veias de mulher da terra. Tal sentimento destinava-se àquela mulher de cabelos negros. Apesar de sua vida agitada nas cidades, ela nunca deixou de ser dona de uma sensibilidade poética ao sentir o vento úmido em seu rosto, onde relembrava sua infância entre os seus. Assim, mesmo distante de seus conterrâneos, relembrava constantemente que tudo poderia ser diferente se o destino tivesse elencado para ela uma puberdade normal entre os campos e seus genitores. A principal casa da estância mantinha a sua opulência nas fachadas. Após cinco anos de seu retorno da cidade, Azevedo muitas vezes sentiu-se deslocada de sentimentos e desejos, devido à labuta diária para alcançar sua meta pessoal.

Para sanar sua abstinência, fazia sua leitura diária de obras clássicas e filosóficas. Assim, com esta estratégia, conseguia harmonizar sua consciência e sua nova dignidade de mulher renovada. O inverno chegou forte naquele ano, e Azevedo mirava com deleite a nova imagem das terras que herdara. A estância foi reabilitada com muita diligência e afeto dos peões e criadagens. No interior do antigo casarão, lá estava Azevedo em sua cadeira de balanço passada por seu genitor, onde serenamente sorvia o mate enquanto rememorava sua vida em terras peregrinas. Por um período, Azevedo pensou que a vida verdadeiramente era admirável quando a afeição tornava-se realidade nas aspirações. Assim, recordando seus experimentos, inesperadamente chorou por reconhecer que sua prosperidade sempre permaneceu ali na sua frente. No entanto, não se arrependia de nada que concretizara fora de sua pátria. Naturalmente, Azevedo sentia certo vazio nas horas em que estava só e admiravelmente sentiu a necessidade de encontrar um homem para partilhar sua felicidade através de um matrimônio. Contudo, não havia por aquelas bandas alguém que despontasse certa simpatia.

No entanto, numa manhã, Azevedo já despontava com seus quarenta e três anos, quando viu entrar na estância, por entre a sombra dos bambuzais, um homem que cavalgava com maestria um cavalo tordilho. Foi amor à primeira vista. Ao chegar à principal entrada do casarão, o homem encilhou com as pisadas fortes ao chão de barro, tirou o chapéu e cortejou de longe Azevedo, pedindo permissão para adentrar na principal casa da propriedade. Azevedo com maestria fez o aceno de aceitação à chegada do homem incógnito. Ao maravilhar-se de perto com o homem, com toda sua ilustração de trabalhador de invernadas, Azevedo projetou-se em sua infância, onde sonhara com histórias universais de cavalaria. Os dois entreolharam-se com uma extravagante energia que só mesmo o amor poderia elucidar o brilho de seus olhos famintos. Assim, Azevedo, pela primeira vez, sentiu o cheiro de Simão, um homem vindo do Norte das entranhas do Marajó; entretanto, o vivente nascera em Mayandeuá, que também trazia a essência do homem do mar. Ao adentrar na varanda e por segundos imaginou que a epiderme do homem transpirava toda a essência de uma força que certamente fazia parte de sua nova vida.



Com as mãos suadas e trejeitos desconcertantes, Azevedo apertou a mão do homem e, por um momento, relembrou a trágica morte de seus pais. No entanto, naquele momento, sentiu-se novamente resguardada ao escutar a voz tépida do homem, onde com extrema candura beneficiava em palavras firmes aquele momento tão real e, ao mesmo tempo, tão impetuoso na alma daquela mulher expelida há anos de emoções. Ao apresentar-se para a proprietária e direcionar o desígnio da visita, Simão foi convencido para direcionar determinadas ocupações na estância. Com a chegada do homem, percebeu que poderia ser ainda mais feliz por conta de um sentimento que aflorava o peito da formosa prenda uruguaia. Próximo ao Mayandeuense, Azevedo sentia-se livre ao fazer ingressar aquele sentimento em sua vida. Mesmo em segredo, aquela majestosa mulher já sorria como outrora por toda a estância. No fundo, sua felicidade era admirável, conseguindo assim, mais uma etapa de sua paz sentimental. Simão com o tempo passou a compor as principais tarefas da estância. Sua dedicação compartilhava com os desígnios de sua empregadora. Todavia, apesar de sua presença ao lado de Azevedo, Simão não evidenciava a mesma relação sentimental por sua patroa, e exclusivamente o respeito penetrava naquele espírito árduo de peão.

Assim, através de muitas palestras através do mate, Simão e Azevedo passaram a ter seus momentos íntimos, iniciando assim o começo de uma nova história para a estância "Cata-ventos". Com o tempo, Simão adotou a licença de Azevedo de contemplar o princípio de uma nova vida, por mérito que sobressaía a cada dia com sua agudeza, vivacidade e envergadura de arquitetar novos rumos para o patrimônio de sua amada. Assim, com dois anos de convivência nos trabalhos, Azevedo e Simão casaram-se em uma cerimônia simples, entretanto, com uma grande riqueza de sentimentos de ambos.

A Estância Cata-Ventos tornou-se uma das principais exportadoras de gado de seu departamento. Azevedo e Simão confraternizavam sempre no final da tarde mateando suas histórias com grande alegria e principalmente a harmonia de suas afinidades de marido e mulher. No entanto, após vinte anos de matrimônio, Simão é acertado pela mesma arma da natureza que extinguiu seus genitores. Em campo aberto, Simão recebe um raio no peito, falecendo sem poder mirar a sua amada, que estava a quilômetros de distância de suas mãos.





Ao receber a notícia, Azevedo manteve-se tranquila por estar acostumada com esses fatores dramáticos de sua vida. Assim, com grande força, participou de todas as honras direcionadas ao seu peão amado. Os anos passaram com certa paz na estância. Azevedo, apesar da idade, conseguiu concentrar suas forças na manutenção de suas terras. Na varanda, Azevedo permanecia sorvendo o seu mate, onde às vezes conversava com o vento e vislumbrava os cata-ventos de sua propriedade que a deixavam calma e principalmente viva. Até os dias de hoje, Azevedo mateia e conversa com os cata-ventos na esperança de sentir novamente a epiderme do seu amado. E quando o sol deita-se no leito oriental, Azevedo relembra do Mayandeuense na cadeira e adormece com uma nostalgia que só mesmo o amor poderá explicar.



A estância dorme em paz!

**FIM**

Copyright de Britto, 2020



Todas as produções de imagens deste livro são de autoria de:

**Microsoft Bing Image Creator**

Visite o nosso Blog: 1001 Histórias de Mayandeua

<https://projetoprimolius.blogspot.com>

**E assim terminamos esta história....  
Primolius agradece!**



**Até a próxima!**



**ACESSO DISPONÍVEL QR code**

**MAPA DO IMAGINÁRIO POPULAR DA APA ALGODOAL  
MAIANDEUA, MARACANÃ - PARÁ - AMAZÔNIA - BRASIL**

**Representação a partir da obra de Flávio de Britto**